

Os miseráveis fazem história

Henrique T. Novaes

Estive na Venezuela duas semanas antes do referendun, em novembro de 2007. Meu objetivo era triplo: apresentar um artigo no congresso latino-americano de economia política, entrevistar alguns membros dos ministérios que promovem o cooperativismo e a Ciência e Tecnologia e conhecer algumas cooperativas.

Conhecemos o Núcleo de desenvolvimento endógeno “Fabrício Ojeda”. Nele, parece haver uma revolução invisível principalmente devido ao papel dos cubanos na medicina de cunho popular. Os médicos venezuelanos têm uma nítida formação de classe, orientada para o atendimento dos problemas de saúde dos “ricos”.

Se a formação convencional em medicina inculca nos médicos a idéia de ascender profissionalmente, ter uma carreira, prestígio e poder, na Venezuela a proposta parece caminhar noutro sentido. Disse uma mulher que os médicos convencionais tem horror ao seu povo, consideram-no como uma gentalha. Será que há alguma semelhança com os brasileiros? Querem subir na vida, ter carro do ano, etc. Eles se negaram a realizar os projetos de atender os favelados dos Núcleos e foi por isso que foram chamados os cubanos. São 30 mil. Hoje, para sorte do povo venezuelano, já há médicos “sensibilizados” para as causas da saúde pública. Eles estão sendo formados com uma certa urgência, como tudo na Venezuela.

Os relatos do povo da favela são interessantíssimos. Dizem que agora se sentem como seres humanos. Tem tratamento decente, que vai desde a ginecologia até odontologia e cirurgias. Um povo que sempre foi massacrado e nunca teve vez na história, parece agora respirar e ser dono da sua história. Ainda na área da medicina, Chávez quer realizar 6 milhões de cirurgias de catarata gratuitas. Já iniciou este processo.

No núcleo de desenvolvimento endógeno, há uma escola de pedreiros que estão testando e construindo casas com tecnologia apropriada, as “Petrocasas” e são ajudados por uma engenheira com “viés social” da PDVSA que está aplicando suas idéias. Além disso, uma fábrica recuperada de Santa Catarina (Brasil) ajudou no desenvolvimento do projeto.

A Universidade Central da Venezuela é hiper-conservadora, ainda que haja fissuras. Ainda que nela haja cérebros pensando a necessidade de estabelecer vínculos mais estreitos com o povo, é preciso reconhecer que a grande maioria dos professores permanece blindada a qualquer mudança. Os estudantes desta universidade são da elite

e se declaram anti-chavistas, fazem passeatas contra o governo e alguns têm atitudes fascistas.

Chávez criou e vem criando um sistema universitário paralelo para a massificação do ensino, muito centrada na formação, dando pouca atenção à pesquisa, ao menos neste momento. Para se ter uma idéia da quantidade, o sistema “oficial” tem 450 mil estudantes. Nos últimos 9 anos, Chávez criou 350 mil vagas em novas universidades.

Na Universidade Bolivariana da Venezuela (UBV) há uma crítica implícita às profissões liberais e um indício de que estão formando alunos com compromisso público: médicos comunitários, engenheiros agrônomos compromissados com a agroecologia e não com o agronegócio, economistas públicos e economistas políticos, etc. Estas universidades são muito politizadas, e muitos desses estudantes parecem em alguns casos repetir frases ocas, parecendo robôs. Por outro lado, parece nascer uma nova geração de alunos compromissados com a emancipação do povo latino-americano.

Ainda no núcleo de desenvolvimento endógeno, há cooperativas de produção de calçados e roupas, além de um mercado comunitário a preços baixíssimos chamado “Mercal”.

As cooperativas têm 60% de sua produção atreladas às demandas do Estado, principalmente da PDVSA (Empresa de Petróleo). Os empresários venezuelanos, muito conscientes da classe que pertencem, estão sabotando, boicotando e fazendo todas as manobras possíveis pra deslegitimar a transformação em voga. Chávez, para contrarrestar essas ações, criou o Mercal e os “Megamercal” para frear a inflação e dar uma resposta a este boicote. Nos Megamercal, a população sofre numa fila interminável, mas compra os “bens básicos”: arroz feijão, frango, etc. Aliás, diga-se de passagem, a Sadia está ganhando muito dinheiro naquelas terras.

A Venezuela importa 80% do que consome. Ou é petróleo ou nada. Estão tentando criar há nove anos uma política de substituição de importações. Basta ver os gastos com agricultura e com a indústria leve para se ver que em algum momento a importação está diminuindo.

Em nossas visitas aos ministérios, a conclusão que tiramos é a de que Chávez carece de quadros para realizar a transformação desejada. É impressionante a falta de quadros ou funcionários do Estado capazes de implementar as diretrizes gerais esboçadas pelo presidente. É como se a Venezuela tivesse um grande líder, um movimento social muito frouxo ou até mesmo inexistente, mas que vem caminhando a passos largos, e um vazio no meio. A sensação que me dá ao visitar e entrevistar os membros da burocracia venezuelana é a de que predomina a tentativa e erro, o improvisado, a ausência de um

plano ou projeto de transformação. Para sorte ou azar deles, há muito dinheiro e a possibilidade de realizar inúmeras correções de rota. Mas até quando poderá durar isso? Convivem inúmeras diretrizes e experimentações. Ao mesmo tempo que a criatividade e o imprevisto sinalizam a possibilidade de ousar e corrigir a rota ao longo de um caminho, elas nos mostram que há a ausência de um projeto bem preciso de transformação social. E isso pode ser perigoso.

A elite está furiosa. A mídia, o verdadeiro partido de oposição, cria fantasmas e difunde os mesmos na classe média. O que achei mais curioso é que a TV afirma que Chávez irá colocar um negro na casa de cada membro da elite.

O povo é pobre, vive na miséria, mas é feliz, como todos os latino-americanos. Isso é incrível! Como pode um povo mergulhado na miséria ser tão feliz? São descontraídos, alegres, carinhosos com os brasileiros. Tem em sua memória vários episódios de massacre, entre eles o Caracazo é o mais destacado. Há relatos de 3000 a 10000 mortos que se rebelaram em função da alta do preço do petróleo, alimentos, transporte, etc promovida por Carlos Perez. O povo saiu às ruas para “saquear” produtos. O Estado repressor desceu a lenha no povo. Para os que não sabem, 80% dos venezuelanos vivia na mais absoluta miséria em 1989.

Agradecem muito o envio de petróleo por Lula durante o “Paro Petrolero” e acreditam que isso foi decisivo para a continuidade da revolução. A sujeira da cidade é incrível. O semáforo é um enfeite. O trânsito é um caos. Aquele velho ditado que diz que devemos olhar para os dois lados antes de atravessar a rua é extremamente válido para o caso da Venezuela. Os carros e os ônibus são muito antigos. Para encher um tanque na Venezuela, basta 4 reais. O metrô é baratíssimo e de excelente qualidade, às vezes muito frio. A palavra “casco”(capacete) não existe na Venezuela.

O povo é sofrido, mora nos morros e trabalha que nem condenado. A informalidade é imensa, atinge 50% da população. Os informais são os que mais veneram Chávez, suas vidas parece ter melhorado substancialmente....

Chávez fez uma campanha para economizar energia. Quando se olha as favelas observa-se que a maioria das casas agora tem luz branca (sendo um símbolo de que são chavistas).

Sobre o debate entre autogestão, co-gestão, propriedade do estado com control obrero, propriedade comunal, etc a “classe trabalhadora” (se é que existe, pois tudo na Venezuela é ou informalidade ou petróleo) parece mais perdida que os quadros dos ministérios. A cada dia mudam de opinião, seguem experimentando, tentando, também

sem um rumo definido. É impossível descrever o que se passa nessas fábricas pois o que você descreve num dia já não vale para o mês seguinte. É impossível ser pesquisador na Venezuela, dada a dinâmica e a inconstância do país.

Sobre a política cooperativista, eles reconhecem que no começo esteve muito centrada na oferta de crédito. Isso foi um fracasso quase total. Hoje, parecem corrigir a rota e frear ou dar maior apoio para a criação das mesmas. Sobre a política de Ciência e Tecnologia, sofrem de esquizofrenia e transtorno bipolar. Basta ver alguns documentos do ministério pra constatar que há inúmeras idéias progressistas e a continuidade com o passado (discurso empresarial, etc). Derrapam em vários momentos e trazem novidades.

O que a TV brasileira mostra, manipula e frisa é que Chávez poderá se eternizar no poder. Por que será que nem menciona os outros 66 artigos da constituição que seriam mudados? Por que manipula e descontextualiza as imagens dos protestos? Por que cria um estado de terror e abusa do sensacionalismo? Por que ela “esquece” vários fatos e enfatiza com sensacionalismo outros?

Chávez distribui nas praças públicas diversos livros. Um dos que me falaram é o Dom Quixote do Cervantes, mas há inúmeros outros. Está restaurando os prédios públicos, investindo em cinema para o povo. Chávez publicou algumas das obras de Oscar Varsavsky, o melhor latino-americano na área de Ciência e Tecnologia. Está colocando o povo em teatros que somente eram freqüentados pela elite. Colocou todo mundo de novo na escola. Convivem diversas propostas e novamente a experimentação reina. Na Venezuela, todas as vertentes do marxismo, anarquismo, desenvolvimento endógeno, etc parecem ter vez.

O que ainda tenho dúvida é sobre a eternização de Chávez. Convivem no mesmo espaço os CHAVISTAS, os Chavistas, os chavistas e os que estão com Chávez por que reconhecem o processo histórico, mas não criam nenhum tipo de idolatria. Os últimos têm críticas ao presidente, não são cegos.

O problema da Venezuela é justamente o fato de que os movimentos sociais ainda são muito frouxos ou não existem. O que mais me impressionou, enquanto proto-movimento social foi o “Frente Campesino Ezequiel Zamora”. Jamais foi esquecer destes moleques que largaram a Universidade para lutar ao lado do povo, o povo da terra. É a coisa mais curiosa do mundo. A pergunta que fiz: há líderes mais velhos, pois na reunião só tinha jovens. São muito conscientes, enfatizam muito a tática e a estratégia. O MST está lhes ajudando na área de educação.

Reconhecem a fragilidade da sociedade venezuelana e por isso acreditam que sem a continuidade de Chávez por um longo tempo, todas as mudanças desmoronarão. Parece ser uma faca de dois gumes: se sai Chávez, a sociedade desmorona. Por outro lado, pode haver a criação de novos caudilhos/eternização de “líderes”. Parece que os venezuelanos em geral não vêem o Chávez como um Deus. Vêem de forma mais pragmática e com razoável consciência do atual momento histórico (sem Chávez o país se dilacera). Algo mais ou menos assim. “sempre estivemos sufocados, trabalhando até a exaustão e agora aparece um presidente que implementa diversas políticas que melhoram nossas vidas”. Nesse sentido, aquilo que a mídia brasileira parece frisar não é importante pra eles. O que é mais importante: como suas vidas têm melhorado, desde a participação em comitês de bairro, mais direitos para os informais, expectativa de melhora. Se isso for verdade, os miseráveis estão fazendo história.